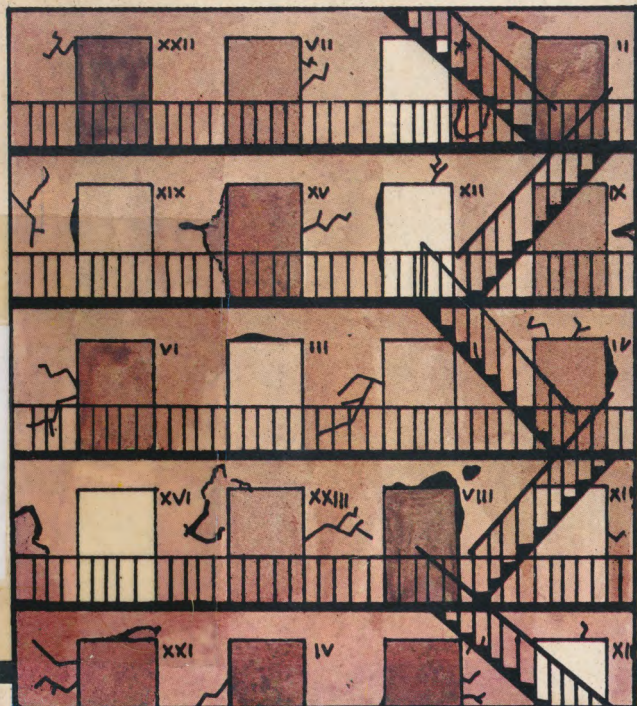




PRISTA MONTEIRO

A VILA



C. TABING.

«Vila» A

Tiragem 2.000 ex.

1.ª edição: Dezembro de 1985

N.º de Depósito Legal 4943

Composição e impressão: ÓPTIMA TIPOGRÁFICA
Rua Dr. Sidónio Pais, Lote 61 (traseiras)
Telef. 981 21 25 — Patameiras - 2675 Odivelas

**REPERTÓRIO DA SOCIEDADE PORTUGUESA
DE AUTORES**

A «Vila»

Peça em 2 actos de
PRISTA MONTEIRO

Prémio comemorativo do 60.º aniversário da S.P.A.

LISBOA — 1985

Esta peça foi distinguida com o Prémio comemorativo do 60.º aniversário da S.P.A. (sendo o júri constituído por Carlos Porto, Mendes de Carvalho e Romeu Correia) e com o Prémio de Teatro da Sociedade de Escritores Médicos, tendo sido apresentada aos respectivos concursos com o título «A Personagem Principal», agora substituído pelo que figura nesta sua 1.ª edição.

PERSONAGENS

MULHER

HOMEM

VIZINHA DO 2.º ANDAR, PORTA 10 (Vizinha)

VIZINHO DO 3.º ANDAR, PORTA 1 (Vizinho do 3.º)

VIZINHA DO 3.º ANDAR, PORTA 1 (Vizinha do 3.º)

VIZINHO DO 2.º ANDAR, PORTA 10 (Vizinho)

MULHERIO { ELEMENTO A
ELEMENTO B
ELEMENTO C
ELEMENTO D
ELEMENTO E

MULHER DE VIRTUDE

C E N A

Habitat e Climax

O pano de boca de cena deverá ser uma cortina lisa bem esticada e de um branco quase ofuscante.

Ao dar-se início a o espectáculo apagar-se-ão todas as luzes, incluindo as da sala e logo a seguir começará a projectar-se ainda naquela cortina uma violenta imagem psicadélica fortemente colorida e a princípio completamente anárquica, anódina, mas de bonito efeito cromático, acompanhada de um, também violento, efeito musical, tudo isto de modo a fustigar enérgica e inesperadamente o espectador.

O pano irá, depois, subindo lentamente, enquanto as imagens, as cores e os sons, continuarão a reflectir-se ao fundo, agora nas paredes, nos móveis, etc.

Esta turbulência manter-se-á ainda por algum tempo até começar a evoluir e dar lugar então a figuras

geométricas de contornos mais regulares sugerindo já algo de suave e harmonioso.

Entretanto o fundo musical foi-se tornando também, progressivamente, menos violento e depois mais doce e melodioso até se poder reconhecer nele alguns acordes de o «Amanhecer» de Grieg.

As imagens pictóricas continuarão a sua metamorfose até nos darem apenas as cores simples e quentes duma aurora que desponta.

Finalmente, tudo isto acabará por se extinguir, deixando em seu lugar um profundo silêncio e o aparecimento de uma pequena luz, isolada, triste e mortiça que nasce dum candeeiro, ainda irreconhecível, situado algures a meio do palco. Então começará a definir-se, apenas, a presença de algumas sombras em cena. Poder-se-á constatar que se trata de um simples quarto interior ao qual, contudo, um improvisado cortinado, subdivide em dois miniquartos. Para a esquerda um espaço destinado a quarto de dormir propriamente dito e para a direita um espaço destinado a tudo o mais. Este cortinado apenas nos primeiros momentos estará corrido até à boca de cena, permanecendo repuxado para trás em todo o restante tempo do espectáculo. Ele será constituído por uma gaze transparente de cor acinzentada de modo que através dele — enquanto corrido — se apercebam vultos e movimentos. A sua altura não ultrapassará metade da cena e deslizará ao longo de uma vara fixada na sua

extremidade posterior à parede do fundo e na anterior, parecendo flutuante, estará suspensa por um fio «invisível» à teia do palco.

O quarto, na sua totalidade, estará em posição invertida em relação ao observador. Isto é, estará montado de costas para a plateia. Sem qualquer janela, a sua única porta ficará no meio da parede na face posterior do palco e dará para um largo corredor central que se estende, como nos restantes pisos, ao longo deste segundo andar de uma antiga e degradada construção conhecida por «Vila» ou «Ilha de cobras» onde vivem, em quartos únicos, famílias inteiras. Do lado de lá deste corredor — números ímpares. — igualmente se perfilam uma série de quartos como este, os quais nunca sendo visíveis serão, contudo, sempre perceptíveis.

Sem luz directa, cada família terá então de utilizar para sua iluminação um candeeiro em vidro, de petróleo e cujo consumo será por eles frequentemente consultado para que, também, através dele, possam, de algum modo, vir a orientar-se no tempo.

Toda a vida de cada uma destas famílias processar-se-á para o corredor central em cujas extremidades existirão os elementos comuns aos inquilinos de cada piso. A uma ponta os sanitários, a outra a plataforma de recepção dos baldes que transportam a água do poço interior que serve todo o edifício. À sua volta desenrola-se a vida dos habitantes da «Ilha» com o

seja «brouhaha» característico, nascido de discussões, que estalam a cada passo, de gargalhadas, do entrec chocar dos baldes, da água que escorre pelos degraus de pedra, etc.

A boca de cena será ocupada, portanto, pela parede posterior deste quarto, através da qual ele será visto e que sendo inexistente, terá de ser sugerida por vários artificios como uma cómoda de costas viradas para a plateia e tendo sobre ela um espelho na mesma posição. À direita deste móvel e «encostada» à pseudo-parede, estará uma cadeira com uma máquina de costura à sua frente, de modo que a sua eventual ocupante ficará sentada de costas para o público e virada para o centro do quarto. A máquina terá uma cobertura constituída por uma manta de retalhos de cores vivas. À esquerda da cadeira, no chão, meio desenrolada, estará uma peça de pano cinzento e à direita um pequeno monte de camisas já confeccionadas.

Quanto às restantes três paredes, elas estarão completamente nuas e tal como o tecto deverão ser constituídas por uma leve armação de madeira, desarticulável e apenas forrada com papel grosso duma cor amarelo sujo.

Por detrás deste cenário, mas inoperante até à fase final do espectáculo, haverá um largo ciclorama que rodeará toda a cena dum a outro lado da sua boca.

No espaço do quarto reservado à sala de jantar,

cozinha, casa de trabalho, etc., além dos móveis já descritos haverá ainda ao centro, uma mesa oval rodeada por quatro cadeiras e sobre a qual se encontra o candeeiro de petróleo. Na direita alta estará uma mesa de cozinha com armário em baixo. Todos estes móveis, feitos, evidentemente, em série, pobres e feios, deverão ser igualmente desarticuláveis.

No espaço destinado a quarto de dormir, com a cabeceira apoiada à parede da esquerda haverá um enxergão colocado directamente no soalho. Mais ao fundo encontra-se um lavatório em ferro, de pé alto, com um pequeno espelho e tendo a seu lado um bidé de esmalte branco.

Na extremidade anterior dessa parede no ponto em que ela fazia ângulo diedro com a parede «invisível», existirá uma pequena prateleira triangular que no seu cateto esquerdo estará fixada à parede «real» da esquerda, mas no direito, que deveria estar apoiada à parede do fundo do quarto — «invisível» — estará por isto, também suspensa da teia. Sobre esta prateleira, dissimula-se uma bandeja de plástico transparente.

Quando a crescente luz do candeeiro o permitir, começará então a reconhecer-se, mais nitidamente, os contornos de todos estes elementos. Contudo a cena, mesmo quando já completamente iluminada, não deverá nunca passar duma mortiça luz amarelada correspondente à iluminação fornecida por um candeeiro

daquele tipo, o qual, na realidade, apenas deverá simular estar aceso e ser ele a fonte luminosa deste quarto.

Todas as personagens estarão vestidas de maneira idêntica. Os homens usarão calças pretas já gastas, camisas cinzentas com braçadeiras à esquerda e botas pretas. As mulheres vestirão saias pretas, também muito usadas já, blusas cinzentas e andarão descalças.

O cenário será sempre o mesmo para representar quer o quarto do HOMEM e da MULHER, quer o da VIZINHA e do VIZINHO. Pequenas e rápidas alterações executadas quando a luz se apaga — como por exemplo retirar ou repor a cobertura da máquina — darão as pistas que indicarão quando se trata dum ou doutro quarto.

1.º ACTO

... constatar-se-á então que no enxergão está deitado um casal. No chão, de cada lado desta cama, há um montículo de roupa pertencendo a cada um dos seus elementos. Ambos estão dormindo em posição fetal, isto é, com os joelhos quase à boca e de braços cruzados sobre o peito. É ainda um sono agitado o deles, entrecortado por sobresaltos e pequenos espasmos. Finalmente a MULHER desperta e depois de bocejar e de se espreguiçar olha em redor com certo espanto, aturdida ainda até reconhecer o meio em que se encontra, e dispendo-se então a acordar o HOMEM, sacudindo-o e interrogando-o).

MULHER — Hum! Sonhaste? Hoje?

(O *HOMEM* agita-se primeiro, esfrega os olhos, imobiliza-se, escapa-se-lhe um «traque» e comprometido, responde)

HOMEM — Oh, desculpa! (*Pausa*) Sonhei!

MULHER (*ainda confusa*) — Eu... também.

(*Pausa. Afastam um pouco as roupas da cama e percebe-se que estão ambos nus.*)

HOMEM — Com quê?

MULHER (*rapidamente*) — Com o fim do... com... não sei! Não sei bem. Hum! Talvez fosse com... o princípio... (*Encolhe os ombros*) Pareciam trovões... relâmpagos... E havia água, parece-me. Muita água a subir, a subir... e eu... Não sei! (*Num grito e agarrando-se ao HOMEM*) Não havia nada! Nada!

HOMEM (*ansioso*) — Na-da!?

MULHER — Sim! Nada! (*Baixando a voz*) Tu... tu percebes?

HOMEM — Eu? (*Pausa*) Não! Que quererá dizer?

MULHER — Não sei.

HOMEM — Mas tu... não viste?

(*Pausa*)

MULHER — Ora! Que é que se vê nos sonhos?
(Pausa) Bem! Não cheguei a ver bem.

HOMEM (*sentando-se subitamente na cama*) — Ah!
Então... sempre viste...

MULHER — Não, não! Já disse que não vi nada.

HOMEM — Mas... que é que te pareceu?

MULHER (*para si própria*) — Se era o princípio...
se era o fim... (Pausa. Ambos preocupados. De
súbito abraçam-se) Ora! quero lá saber. Já estou
habituada.

HOMEM — Pois! Deixa lá. Eu também sonhei.

MULHER (*ansiosa*) — Tu!? Também?

(Pausa)

HOMEM — Sim! Também.

MULHER — Com quê?

(Pausa)

HOMEM (*abatido*) — Com... o dono.

MULHER — Com... o-do-no!?

HOMEM — S... sim! O dono.

MULHER — Mas porquê?

HOMEM — Hum! Acho... não tínhamos ainda...

MULHER (*num grito*) — O quê!? (*Põe-se de joelhos na cama expondo, contudo, apenas uma parte do seu tronco nu. Pode agora ver-se que embora se trate duma mulher nova, está gasta, emagrecida, peitos chatos e descaídos*) Mas nós já pagamos, não já?

HOMEM (*absorto*) — Agora!... Agora!...

MULHER — O quê!?

HOMEM — Para onde iremos nós?

MULHER (*sacudindo-o*) — Nós!? Ouve, ouve! Nós... nós já pagamos, eu sei.

HOMEM (*Alheado*) — Hum! (*Pausa*) Ham!?

MULHER — Tu sonhaste! Percebes? Acorda!

HOMEM (*recuperando*) — Como? Ah... sim... sim. Talvez (*Um sorriso amarelo*) Tens razão! Devia estar a sonhar... ainda. (*Timidamente*) Desculpa!

MULHER — Arre! Claro que pagamos! Este mês... graças a Don...

HOMEM — Pois, pois! Graças a Don!

MULHER — ...podemos respirar. (*Levanta-se rapidamente da cama, de costas para o público, pega numa saia preta muito usada e veste-a imediatamente*)

(Neste momento a MULHER vai começar a pôr a sua blusa, mas as luzes apagar-se-ão todas para um «flash» que terá uma duração não superior a quinze segundos. Um projector incidirá então sobre uma figura — A VIZINHA DO 2.º ANDAR, PORTA 10 — sentada a uma máquina de costura num quarto que é em tudo uma réplica rigorosa do anterior, com o seu cortinado ainda fechado e com a única excepção da cobertura da máquina que se encontra caída a seu lado. Esta personagem surgir-nos-á imóvel mas em atitude de quem cose, embora tenha a cabeça completamente rodada para a direita. É uma mulher nova mas igualmente envelhecida precocemente. Vestida como atrás foi descrito usa uma braçadeira com as seguintes indicações: «2.º - Porta 10.» Será sempre referida apenas por «VIZINHA». Este momento durará cerca de cinco segundos, ao fim dos quais o foco de luz se extinguirá de novo, para reaparecer imediatamente, mas somente também por mais três ou quatro segundos, durante os quais aquela figura terá mudado de posição, endireitando o tronco, interrompendo a costura e embora de costas, mas de perfil, apresentará, tanto quanto possível, uma expressão de espanto. Ao fim deste tempo, a luz

apagar-se-á então com um pouco mais de demora de modo a permitir o desaparecimento de cena, da VIZINHA, a qual ao sair reporá rapidamente a cobertura na máquina. Acender-se-á a luz definitivamente e o HOMEM e a MULHER estarão nos lugares anteriores, com esta a acabar de vestir a sua blusa e a tornar assim aparente a sua braçadeira com a indicação: «2.º - Porta 8»)

MULHER (*já descontraída*) — Olha! Que dia é hoje?

HOMEM — Hum! Deve ser... Devemos estar quase a meio.

MULHER (*volta a sentar-se na cama e abraça-se ao HOMEM*) — O quê, ainda!? Então... esta semana... ainda podemos... pelo menos, ham...

HOMEM (*concentrando-se*) — Hum! Não sei...

MULHER — Sei eu. Se ainda lá não chegamos...

HOMEM — Bom! Talvez! Esta semana ainda... talvez. Mas para a outra...

MULHER (*com um sorriso pálido, mas de quem tem tudo quanto pode esperar*) — Ora! Tem sido tão bom. Ontem... ante-ontem...

HOMEM (*sério e frágil*) — Sim! Mas nós não podemos esquecer estas coisas.

MULHER — Bem! Até aqui...

HOMEM (*vai saindo da cama*) — Sim, bem sei.
Nós... lá temos tido sorte.

(O HOMEM é um indivíduo alto e muito magro)

MULHER (*pensativa*) — Oh! Muita sorte!

HOMEM — Hum! Era uma desgraça.

MULHER (*angustiada*) — Mais uma boca! Oh! Valha-nos Don!

HOMEM (*enquanto de costas para o espectador enfia rapidamente umas velhas calças que lhe ficam demasiado curtas e umas botas cambadas.*) — Bem! Graças a Don... tudo tem corrido bem.

MULHER (*ansiosa*) — Oh, sim! Muito bem. Graças!

(De súbito a MULHER beija o HOMEM, abre o cortinado e corre para a mesa da cozinha onde de uma gaveta retira um copo suposto conter já água e azeite. Pega num pavio e põe-no a «flutuar» no azeite após o que leva tudo isto e uma caixa de fósforos para a prateleirinha da alcova. Risca um fósforo simulando acender o pavio. De todas as vezes que se pratique esta manobra a técnica será sempre a mesma e as lamparinas serão colocadas em cima da bandejinha, invisível para o espectador. A MULHER por momentos ficará em recolhimento frente à prateleira.)